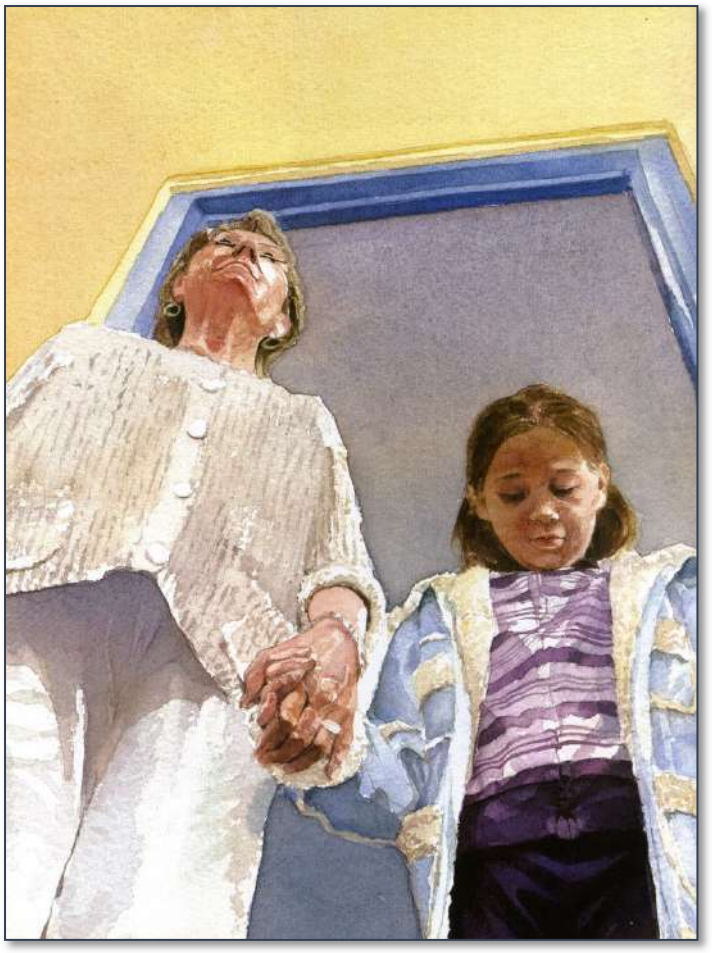


Cada gesto de Bondade

Naquele inverno, a neve cobria tudo, transformando o mundo num brilhante manto branco.

Uma manhã, quando nos sentávamos nos nossos lugares, a porta da sala de aulas abriu-se e a Diretora entrou.

Trazia com ela uma menina, e disse-nos:

— Esta é a Maya.

Maya olhava para o chão.

Penso que a ouvi sussurrar “Olá!”

Todos nós ficámos a olhar para ela.

O casaco estava aberto e as roupas que trazia por baixo pareciam velhas e rasgadas. Os sapatos eram primaveris, nada apropriados para a neve. Uma das tiras estava rebentada.

A nossa Professora disse:

— Digam bom dia à vossa nova colega.

Mas quase todos ficámos calados.

O único lugar livre era ao meu lado. Foi onde a Professora colocou a Maya.

E, naquele primeiro dia, Maya virou-se para mim e sorriu.

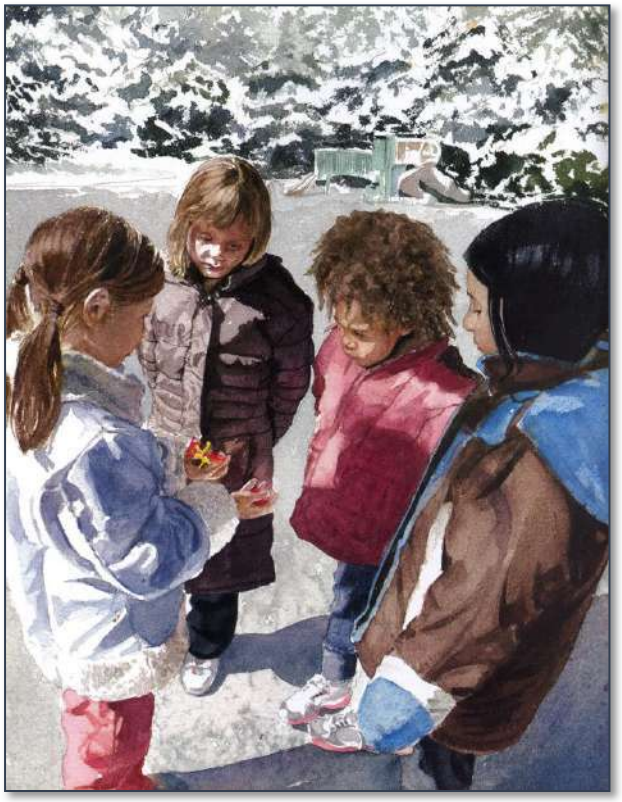
Mas eu não retribuí o sorriso.

Arrastei a minha cadeira, e fiquei, eu e os meus livros, um pouco mais longe dela.

Sempre que ela olhava para mim, eu virava-me para a janela e punha-me a observar a neve lá fora.

E sempre que Maya vinha para a sala, eu desviava os olhos e nunca retribuía o sorriso.

Naquele ano, as minhas melhores amigas eram Clara e Sofia. À hora de almoço, nós passeávamos pelo pátio do recreio, com os dedos entrelaçados, sussurrando segredos aos ouvidos umas das outras.



Um dia, estávamos nós junto ao escorrega, Maya aproximou-se. Tinha a mão aberta para nos mostrar as pedrinhas brilhantes e a minúscula bola vermelha que tinha recebido no seu aniversário.

— É uma bola saltitona — disse.

Mas nenhuma de nós quis jogar.

Então Maya fez um jogo contra ela própria.

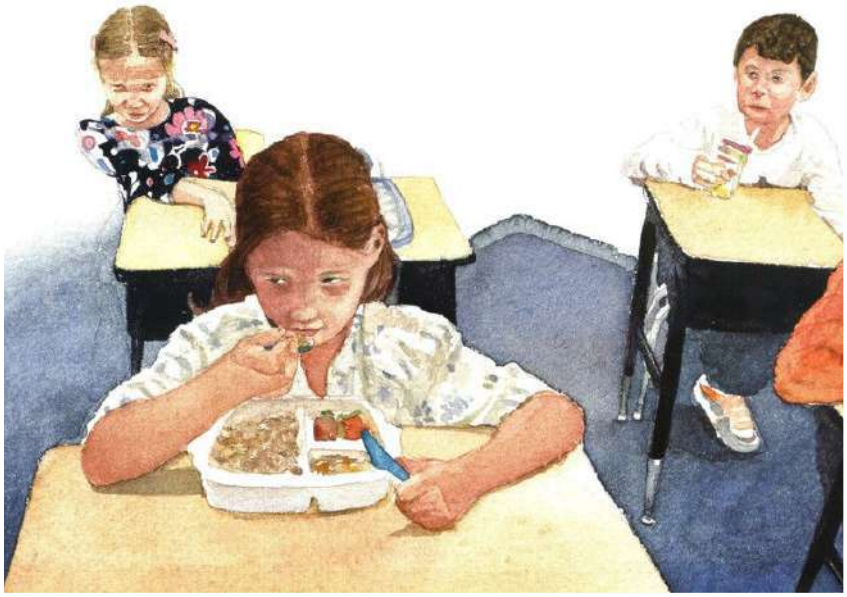
Naquela tarde, quando voltámos para a sala de aulas, Maya sussurrou-me:

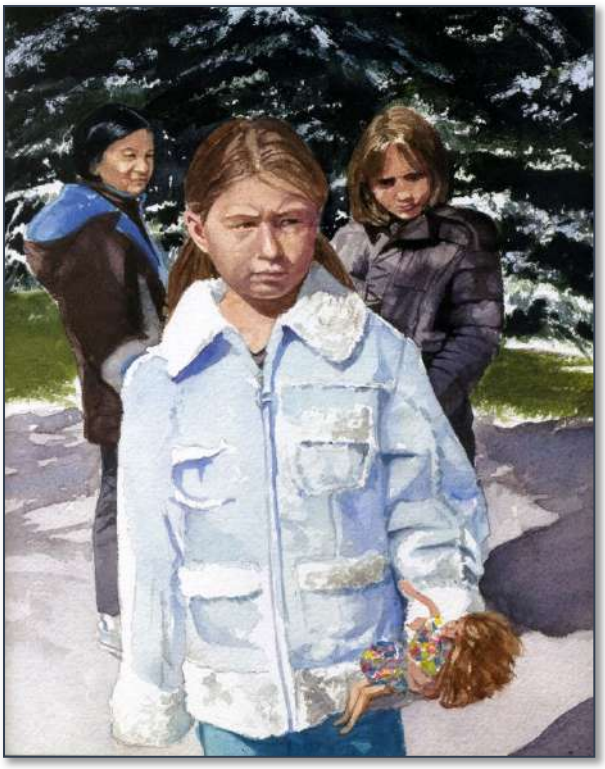
— Aposto que não consegues adivinhar quem é o novo Campeão do Mundo do Jogo de Pedrinhas.

Atrás de mim, André murmurou:

— A Clotilde tem uma nova amiga! A Clotilde tem uma nova amiga!

— Ela não é minha amiga— respondi.





As semanas passaram. Todos os dias cochichávamos acerca de Maya, rindo das suas roupas, dos seus sapatos, da comida estranha que ela levava para o almoço.

Por vezes, Maya esticava a mão para nos mostrar o que tinha levado para a escola — um baralho de cartas, pauzinhos de Micado, uma bonequinha esfarrapada.

Mas sempre que ela pedia para brincar connosco, nós dizíamos que não.

Os dias foram ficando cada vez mais quentes.

O lago degelou e a relva começou a crescer.

Um dia, Maya chegou à escola com um lindo vestido e sapatinhos elegantes.

Mas tanto os sapatos como o vestido tinham ar de terem já pertencido a alguma outra menina.

— Tenho um nome novo para ela — sussurrou Clara. — Sempre Igual. Tudo o que ela tem veio de uma loja de artigos em segunda mão!

Todos nós rimos.

Maya ficou de pé junto a uma sebe.

Tinha na mão uma corda de saltar, mas não veio perguntar-nos se queríamos brincar.

Ao fim de alguns instantes dobrou a corda ao meio, prendeu cada uma das pontas em cada mão e começou a saltar.

Saltou sem parar à volta do pátio do recreio.

Não olhou para cima uma só vez. Saltou, saltou, saltou...

No dia seguinte, o lugar de Maya estava vazio.

Naquele dia, na aula, falámos sobre bondade.

A nossa Professora tinha trazido para a sala uma grande taça e encheu-a com água.

Juntámo-nos todos em volta da secretária dela e vimo-la deixar cair uma pedrinha dentro da taça. Formaram-se pequenas ondas...

— É isto que a bondade faz — disse ela. — Cada pequeno gesto que fazemos espalha-se, como uma onda, pelo e para o mundo.

Em seguida, a nossa Professora permitiu que cada um de nós deixasse cair a pedrinha enquanto lhe dizíamos as coisas boas que tínhamos feito.

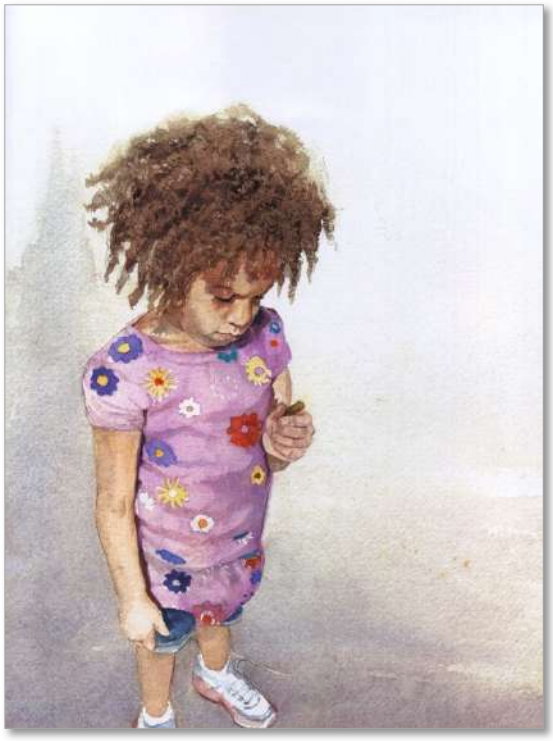
José tinha segurado a porta para a avó passar.

Clara tinha ajudado a mudar a fralda do seu irmão ainda bebé.

Até o malandro do André tinha feito alguma coisa:

— Levei os livros da Professora até ao cimo das escadas — disse ele.

E a nossa Professora concordou.



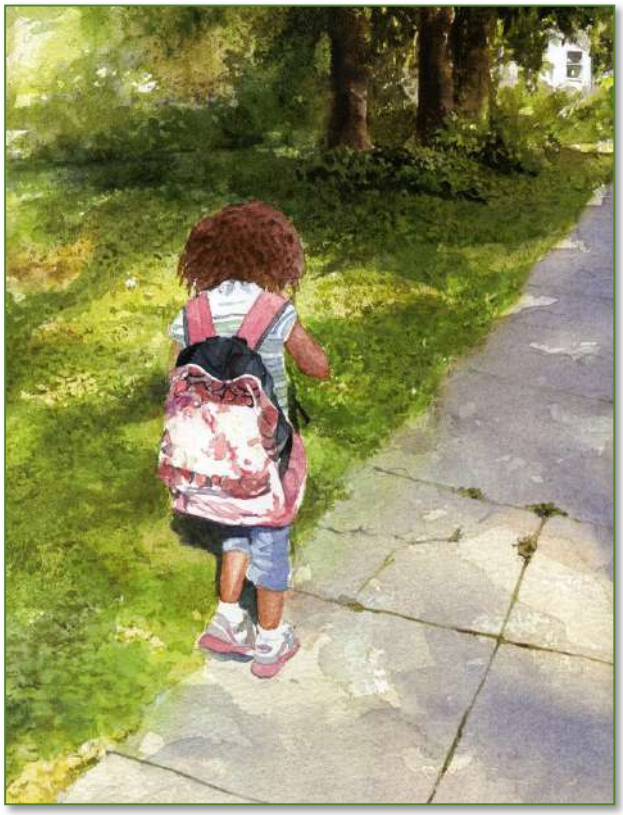
Eu fiquei ali, a segurar na mão a pedrinha, em silêncio.

— Até mesmo as coisas mais pequenas contam — disse a nossa Professora carinhosamente.

Mas eu não conseguia pensar em nada e passei a pedra a outro.

Maya não veio à escola no dia seguinte.

Nem no dia a seguir a esse.



Todas as manhãs eu ia devagar para a escola, com a esperança que fosse esse o dia em que Maya iria regressar, e olharia para mim a sorrir. Tinha prometido a mim mesma que esse seria o dia em que lhe retribuiria o sorriso.

— Cada ato de bondade — tinha dito a Professora — torna o mundo inteiro um pouquinho melhor.

Mas o lugar da Maya continuava vazio.

E um dia foi-nos dito que Maya não voltaria nunca mais.

— A família dela teve de ir para outro lugar— disse a nossa Professora.

Depois, disse-nos que pegássemos nos cadernos.

Era o momento do ditado soletrado.

Nessa tarde fui para casa sozinha.

Quando cheguei ao lago, sentia a garganta presa por todas as coisas que desejaria ter dito a Maya. Por cada gesto de bondade que nunca tinha feito!

Atirei para o lago pedrinhas, uma e outra vez.

Fiquei a ver o modo como na água se faziam ondas e mais ondas.

Ondas e mais ondas...

Tal como cada gesto de bondade — realizado ou não.

Ia vendo o ondular da água enquanto o sol se punha através das árvores.

E pensava em cada oportunidade falhada.

Nunca poderia retribuir os gestos bondosos de Maya.

Jacqueline Woodson
Each Kindness
New York, Nancy Paulsen Books, 2012
(Tradução e adaptação)

CADA GESTO DE BONDADE

1. Por que motivo a narradora não retribui o sorriso de Maya no primeiro dia?

a) Porque é uma pessoa muito reservada.
b) Porque está ocupada a observar a neve lá fora.
c) Porque não quer ser amiga de uma menina estrangeira e pobre.

2. A turma revela, de várias formas, o seu desdém por Maya. Consegues dar alguns exemplos?

3. O que decide fazer a professora para mostrar aos alunos que agiram mal?

4. O que faz a narradora quando chega a sua vez de colocar uma pedrinha na taça? Porquê?

5. Relê todas as situações do texto que mostram que Clotilde não sentiu qualquer empatia por Maya, ou seja, que não foi capaz de se colocar no lugar da nova colega, e tenta apresentar um desfecho diferente para cada uma delas.

6. “Cada ato de bondade torna o mundo inteiro um pouquinho melhor.” Explica esta afirmação da professora.

7. Pensa num gesto particular de bondade que não praticaste na tua vida e no que poderias fazer para remediar essa oportunidade perdida. Escreve um parágrafo de dez linhas sobre esse episódio.